“Novas formas de vivências nas *Pólis* brasileiras? A ação transformadora da realidade urbana pelo movimento *hip hop*” .(*)

“New forms of living in the Brazilian Pólis? The action transforming of the urban reality for the hip hop movement”.

Autor: Christian Carlos Rodrigues RIBEIRO(**)

(*) Comunicação apresentada ao Grupo de Trabalho “Participação e Movimentos Sociais” durante realização, em 19 de Outubro de 2007, do Seminário Nacional “Paisagem e participação: práticas no espaço livre público” ; realizado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP).

(**) Bacharel, com licenciatura plena, em Ciências Sociais graduado no ano de 1999, pelo Instituto de Ciências Humanas da PUC-Campinas; Mestre em Urbanismo - área de Gestão Urbana - no ano de 2006, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas. Professor da Rede Pública de Ensino de São Paulo. email para contato: khristiancarlos@hotmail.com

2007

“Novas formas de vivências nas *Pólis* brasileiras? A ação transformadora da realidade urbana pelo movimento *hip hop*” .*

“New forms of living in the Brazilian Pólis? The action transforming of the urban reality for the hip hop movement”.

Autor: Christian Carlos Rodrigues RIBEIRO**

RESUMO

O objetivo deste estudo, resultante da linha de pesquisa de gestão urbana do curso de mestrado em Urbanismo da Faculdade de Urbanismo da PUC-Campinas, é apresentar a análise por nós desenvolvida acerca da inserção de um determinado grupo étnico – racial (jovens afro - descendentes) nos processos formais de gestão urbana, e política, das cidades em que se encontram constituídos. A idéia deste artigo é demonstrar, mesmo que de maneira resumida, como ocorre a constituição e utilização do movimento *hip hop,* através de suas manifestações tanto culturais quanto sociais, desde os anos de 1980 como instrumento reivindicatório destes jovens enquanto sujeitos políticos, que assim buscam questionar e alterar as práticas políticas formais excludentes, segregadoras, caracterizantes da sociedade brasileira.

Palavras chaves: movimento *hip hop;* identidade; juventude; negritude

ABSTRACT

The purpose of this study, resulting from the line of research of urban management of the master program in the School of Urban Planning of the PUC-Campinas , is to present the analysis that we have developed about the insertion of a certain racial-etnhic group (young african- descendants) in the formal processes of urban management and policy, the cities in which they are made. The idea of this article is to demonstrate, even in a summarized way, as is the creation and use of the hip hop movement through its manifestations, both cultural and social, from the years of 1980 as a vindicative instrument of these young social actors, so look for questioning and change policies formal exclusionary, segregated, characterizing brazilian society.

Key words: hip hop moviment; identity; youth; négritude

Introdução

Ao final deste artigo, versão resumida de discussão apresentada em nossa dissertação “O Movimento Hip - Hop como Gerador de urbanidade: Um Estudo de Caso sobre Gestão Urbana em Campinas" (2006) pela FAU/PUC-Campinas (1), pretendemos demonstrar o *hip hop* como uma nova forma de cultura, e política urbana; geradora de memória e identidade urbana contemporânea – segregada, ou não reconhecida, pelas elites econômicas e políticas locais – que contribui decisivamente para o aprofundamento da discussão, acerca da necessidade, de se gerar cada vez mais formas de gestão local que leve em conta, o pensar de sujeitos políticos, dos atores sociais historicamente marginalizados tornando assim

a *Pólis*(2) mais democrática, includente e participativa para todos que nela vivam, habitam e a caracterizam.

O processo de reconstrução de identidades, desenvolvido pelo movimento *hip hop* nas sociedades onde ele se insere, dá origem á constituição, ou tentativa, de um novo patamar urbano de organização social que leva em consideração as pluralidades, as diferenças, as dicotomias que formam e caracterizam os processos de construção de uma verdadeira sociedade democrática e igualitária. (HALL, 2003; LINDOLFO FILHO, 2002; PAIS, 2001; VÉRAS, 2004).

> Na trama das relações sociais em que os significados devem ser compartilhados com certa previsibilidade, os sistemas de significados se alteram e as identidades não são definitivas: as pessoas não são *isto* ou *aquilo*, *elas estão sendo*, buscando seu *eu* por intermédio do *outro*, no seu confronto. O objetivo de todos é fazer com que as pessoas com quem interagem acreditem na veracidade do "eu" que está sendo projetado na representação. (VÉRAS, 2004: 166)

O movimento *hip hop* brasileiro.

O *hip hop*, movimento urbano de caráter essencialmente jovem, pode ser interpretado como mais um dos resultados decorrentes do processo de diáspora negra, deslocação forçada de enorme contingente populacional africano, para ser utilizado como mão de obra escrava no continente americano(3).

> ...embora o *hip hop* seja um movimento originado nos guetos norte-americanos, ele é de fato resultado do processo de diáspora africana, deslocamento forçado de enorme contingente populacional africano, para ser utilizado como mão de obra escrava no continente americano, que há séculos da origem e processos (culturais e sociais) de resistência negra nas Américas, e visa não se impor como cultura estrangeira dominante, nos países onde se encontra inserido, mas sim como mais um elo, mais um exemplo deste processo histórico social de reconstrução de identidades coletivas, e individuais, destas populações negras transportadas para o “novo mundo. (RIBEIRO, 2006b: 58)

No Brasil o *hip hop* torna-se, gradativamente, a mais recente etapa de um processo de resistência que há mais de séculos vem sendo desenvolvida por sua população afro-descendente, num processo continuo de constituição, e organização, de uma identidade negra neste país (MOURA, 1994; MOURA; 1990; MOURA; 1988; NASCIMENTO,1981). Processo(s) este(s), inerente a todos os movimentos negros, que significava(m) na prática buscar romper com aquilo que Clóvis Moura (1988) classificou como "barragem da sociedade competitiva".

> A barragem da sociedade competitiva à interação social do negro escravo e posteriormente livre causou – ao lado do *traumatismo da escravidão* – a necessidade dele, usando elementos religiosos, artísticos ou organizacionais, tribais, se conservar organizado, não sendo destruído, assim, pelo processo de marginalização em curso. Tudo ou quase tudo que o negro escravo fez no Brasil, usando elementos das suas culturas matrizes, objetivava a um fim social: preservar o escravo e posteriormente o ex-escravo do conjunto de forças opressivas existentes contra eles. Isto se realiza através da criação de valores sociais de sobrevivência ou auto-afirmação capazes de municiá-los de elementos ideológicos e sociopsicológicos aptos a se contraporem aos das classes dominantes e segmentos brancos racistas. (MOURA, 1988: 138)

O movimento *hip hop* começou sua história no Brasil de maneira discreta e quase imperceptível para muitos, e era interpretado muito mais como uma moda passageira do que com seriedade (RIBEIRO, 2006a).

A gênese daquilo que viria a ser chamado movimento *hip hop* brasileiro desenvolve-se ao final dos anos 1970, começo dos anos 1980, no exato momento da eclosão dos denominados "novos movimentos sociais" (4), que passam a incorporar questões como a de gênero e raça no processo de constituição de um novo modelo de sociedade, mais pluralista, democrática, participativa e cidadã (KOWARICK, 2000; LEMOS, 2004; MOURAD, 2000; SADER, 1995), criando novas formas, novas práticas de exercício reivindicatório urbano.

> A luta poderá ser caracterizada como urbana na medida em que, ocorrendo numa base territorial circunscrita às cidades, coloque em xeque a questão da terra, habitação ou dos bens de consumo coletivo. Assim, qualquer grupo – por exemplo de mulheres que clamam por creches ou de negros que se encontram espacial e socialmente segregados de modo particular – pode estabelecer como pauta de reivindicação um problema urbano. Suas reivindicações podem ser pontuais quanto aos objetivos e aos locais da cidade ou, ao contrário, adicionar organizações díspares que passam a lutar por benefícios múltiplos e coletivos. (KOWARICK, 2000: 64)

O processo embrionário daquilo que viria a se tornar o *hip hop* brasileiro caracteriza-se como etapa final do período de apogeu dos denominados "bailes *blacks*" das décadas de 1960 e 1970, pontos de interação social das comunidades negras nas cidades brasileiras.

Locais estes em que a consciência racial e orgulho negro, divulgados via *soul music,* conjuntamente com artistas nacionais como Jorge Ben(jor), Tim Maia, Cassiano, Gerson King Combo entre outros, eram (re)trabalhados à partir da realidade cotidiana enfrentada por este grupo étnico-racial, o que por sua vez gerou a constituição de uma nova ação comportamental, em especial na camada mais jovem dessa população afro-descendente(5).

As equipes de dança surgidas nestes bailes, com o declínio dos "bailes *blacks*" no final dos anos 1970, passam a dançarem um ritmo diferente, com seqüências, com passos "quebrados" e compassados, que viam em reportagens televisivas ou através de fotografias em matérias de revistas importadas.

Este tipo de dança de rua, denominada genericamente como *break*, representa a primeira manifestação do *hip hop* no Brasil, e passa a ser executada em espaços de grande circulação na cidade de São Paulo, como a Praça Ramos, a Estação de Metrô da São Bento e a Galeria 24 de Março, destacando-se neste

período as equipes de dança "*Funk* & Cia", onde se destaca o "pai" do *break* nacional Nelson Triunfo, e a equipe de *break dance* "Jabaquaras *Breakers*".

Com o decorrer do tempo, começam a surgir pela cidade de São Paulo, os primeiros grafites ligados efetivamente a uma temática *hip hop* e, principalmente, começa-se a ouvir pelos "cantos" da cidade um jeito diferente de se cantar e rimar, desse modo surge no país a musica *rap* e com a junção destes três elementos artísticos (dança, grafite e música), caracteriza-se o movimento *hip hop* como realidade no país, mesmo que de maneira totalmente "*underground*", marginal.

Os primeiros anos do movimento são difíceis, pois seus adeptos são perseguidos pela polícia, ou são desacreditados e ridicularizados nos próprios "bailes *blacks*".

Esta situação começa a melhorar quando em 1983, Michael Jackson através de seus clipes, em especial das musicas "*Thriller*", "*Billie Jean*" e "*Beat It*" e da abertura da novela das 20:00h da Rede Globo de Televisão "Partido Alto" composta por dançarinos de *break*, acabam por revelar a "*break dance*" como uma forma de dança moderna, uma forma de arte "respeitável".

Nessa época a juventude das periferias, em especial a negra paulistana, passa a identificar-se com o ritmo de uma música diferente, o *rap* (ritmo e poesia) falada de forma muito rápida e descontraída, até por este motivo que os primeiros *rappers* são chamados de "tagarelas" (ANDRADE, 1999; MEDEIROS, 1988), sem conteúdo crítico ou de protesto, naquele momento, executada apenas para embalar as denominadas rodas de *break*.

Mas é somente em 1988/1989, que o *hip hop* com o lançamento dos primeiros discos de *rap* no país, o álbum "Kaskatas – A ousadia do rap made in Brazil" (1988/1989), e a coletânea "HIP – HOP. Cultura de rua. O som das ruas" (1988/1989) que lançou os expoentes do *rap* nacional, a dupla Thaíde & DJ Hum,

com as músicas “Corpo Fechado” e “Homens da Lei” consideradas as pioneiras do chamado *rap* “consciente” e de “atitude” (ZENI, 2004) no país, que o movimento começa a conquistar o seu espaço no Brasil.

Os versos da dupla Thaíde e DJ Hum, na música “Corpo Fechado” (1988/1989) embora sejam autobiográficos, retratando a vida do *rapper* Thaíde, não deixa de ser uma apresentação do próprio *hip hop* a sociedade como um todo:

> Me atire uma pedra
> Que eu te atiro uma granada
> Se tocar em minha face sua vida está selada
> Portanto meu amigo, pense bem no que fará
> Porque eu não sei, se outra chance você terá...
> Você não sabe de onde eu vim
> E não sabe para onde eu vou
> Mais para sua informação vou te falar quem eu sou
> Meu nome é Thaíde
> E não tenho R. G.
> (THAÍDE& DJ HUM, 1988/1989)

Este segmento social de jovens urbanos periféricos passa a constituir o movimento *hip hop* como o seu meio de expressar suas agruras, suas reivindicações, suas denúncias, geradas em seu universo social cotidiano, onde a qualidade de vida, os aparelhos de serviços básicos do Estado não existem, ou são extremamente precários(6).

O *hip hop* passa a atuar nas áreas centrais como forma de demonstrar que também fazem parte da cidade, a formam e a caracterizam, negando-se por isso a aceitarem a “não cidade” (ROLNIK, 1997; ROLNIK, 1996), o “não lugar” que historicamente ocupam na espacialidade urbana dos municípios, territórios estes que se originam de “um modelo de urbanização sem urbanidade que destinou para os pobres uma não-cidade, longínqua, desequipada como espaço e como lugar.” (ROLNIK, 1996: 32)

Estes jovens passam a se fazer ouvir, a se fazer notar, ao divulgar através do *hip hop* à precariedade social que estavam relegados, e ao denunciarem os processos de discriminação racial e violência policial à que cotidianamente eram submetidos.

Esse fenômeno, inicialmente restrito a cidade de São Paulo, espalha-se pelo Brasil de forma rápida e consistente por Santo André, São Bernardo do Campo, Campinas, Brasília, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte que se destacam neste processo de expansão do movimento *hip hop* pelo país.

O *hip hop* torna-se desse modo um dos principais porta-vozes das periferias brasileiras (ANDRADE, 1999), começando a constituir-se enquanto um novo exercício de prática política, de formação cidadã (FARIA, 2003; LINDOLFO FILHO, 2002), surgido nas periferias em locais de reunião dos integrantes do movimento, para que possam cotidianamente exercer funções de integração social, de novos laços de sociabilidade nas áreas periféricas das cidades(7).

É importante ressaltar que esta atuação política do movimento *hip hop* ocorre num período histórico caracterizado pelo “refluxo” dos movimentos sociais urbanos(8). Enquanto os demais tipos de movimentos sociais urbanos, tanto reivindicatórios quanto pluri-classistas (KOWARICK, 2000), encontravam-se inseridos em um processo histórico de procura por novas formas de exercício político, o movimento *hip hop* aumenta sua visibilidade, e conseqüentemente sua ação política-reivindicatória, nas áreas urbanas das médias e grandes cidades.

> O hip hop gera, através de suas práticas culturais (música, grafite e dança), uma atitude pró-positiva de sujeitos sociais historicamente marginalizados que revelam uma maneira de se viver, sentir e exercer a cidade de forma diferente do que tradicionalmente consideramos 'normal', usual. Ele demonstra através destas práticas culturais o cotidiano, o dia a dia vivido por eles nas periferias locais, evidenciando um mal estar urbano entre

> centro (regiões centrais) e as periferias, denunciando séries de mazelas, como racismo e violência policial, sofrida por estes jovens. (RIBEIRO, 2006a: 17)

Os anos 1990 e o movimento *hip hop* no Brasil.

Em meados dos anos 1990, apesar do *hip hop* já haver se consolidado, enquanto movimento social e cultural juvenil, com o lançamento do 4º álbum do grupo de *rap* paulistano Racionais MC's, o *cd* "Sobrevivendo no Inferno" (1998), é que o *hip hop* consegue seu "*status*" de maioridade e passa a ser interpretado pelos setores formais da sociedade como um movimento social e cultural que embora de origem norte americana, foi com o decorrer dos anos adaptada, sendo transformada de acordo com as necessidades, das demandas das populações periféricas brasileiras (BRANDÃO, 2004; FARIA, 2003), em especial das populações afros-descendentes destas comunidades.

> Infelizmente, existe uma tendência, sobretudo no meio da juventude, a uma globalização amorfa, 'geleificada', um liquidificador cultural com uma predominância dos temperos norte-americanos. É verdade também que a cultura brasileira tem uma riqueza muito grande. É uma gente que sabe apanhar uma tradição que vem da Jamaica ou dos EUA, e, de repente, jogá-la na periferia de São Paulo. Eu, por exemplo, nunca dei muito valor ao hip hop, até ouvir a Marília Spozito, que hoje em dia tem trabalhado com culturas da periferia por meio da (ONG) Ação Educativa.

> Não é uma espécie de cópia boba de algo que já vem pronto dos EUA. É um retrabalho fantástico, é uma cultura da periferia. (BRANDÃO, 2004: 5)

O impacto causado pelo cd dos Racionais MC's, mais de um milhão de cópias vendidas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2001; ROCHA [et al], 2001), é enorme no cotidiano das periferias brasileiras, estimulando um processo geração de auto

estima, de auto valorização racial/social/cultural que se consolida cada vez mais a partir das periferias brasileiras (KEHL, 2000).

Com a obtenção de reconhecimento de público e crítica pelo sucesso dos Racionais MC's, toda uma geração do *hip hop* nacional, com destaque para Gog e Câmbio Negro (Distrito Federal); R Z O e Consciência Humana (São Paulo capital); Sistema Negro e Visão de Rua (Campinas); Faces do Subúrbio (Recife) entre tantos, passa a evidenciar uma postura mais agressiva do movimento, em especial da musica *rap* que se torna cada vez mais "pesada", cada vez mais soturna, com uma linguagem de gírias típica da população jovem das periferias, quase em forma de código (TORO, 1991/1992; HALL, 2003b).

Gíria esta que utilizada pelos integrantes do movimento tem por sua vez a função de agir como elemento de identificação, e de congregação social, em meio aos demais grupos (sujeitos) sociais constituintes da(s) *Pólis*, cada qual com sua linguagem específica, possibilitando um processo de relações e de reconhecimento (identificação) social dos seus sujeitos constituintes.

O período final dos anos 1990, início dos anos 2000, representa uma nova etapa que começa a efetuar-se para o movimento *hip hop*, o de agente político transformador da realidade urbana das periferias e das relações históricas de poder das cidades.

Este fato passa a ocorrer, pois o próprio processo de segregação a que foram historicamente submetidos às camadas mais populares de nossas cidades, acaba por produzir novos espaços públicos de exercício de cidadania (PAOLI, 1989), de exercício político, fora dos padrões formais usualmente aceitos (HERSCHAMANN, 1997; LOPES, 1997; KOWARICK, 2000; ROLNIK, 1989), neste caso novos territórios urbanos de caracterização negra e juvenil.

> ...é possível identificar, neste contexto, a importância gradativa que o funk e o hip-hop, assim como todo um conjunto de grupos urbanos associados a estilos musicais (como por exemplo, o rock, heavy metal, punk e outros do gênero) vem desempenhando junto aos jovens. Sem dúvida, os jovens vêm encontrando nas representações associadas a esses universos musicais e à sociabilidade que promovem o estabelecimento de novas formas de representação social que lhes permitem expressar seu descontentamento e opor-se à tese de que o Brasil é uma "nação diversa mas não conflitual". (HERSCHMANN, 1997: 55)

Essa etapa do movimento *hip hop* é caracterizado pela sua consolidação como uma nova forma de movimento negro juvenil (ANDRADE, 1999), com larga inserção nas periferias brasileiras, onde os movimentos negros tradicionais, apesar de seu valor histórico e político, nunca conseguiram uma grande inserção (ARANTES, 2000; BOJUNGA, 1978).

É através do *hip hop* que um vasto contingente populacional, jovens da periferia, em especial os afros-descendentes, passam a exercer a busca por seus direitos cidadãos "dando sequência a todo um processo histórico de resistência política-cultural perpetrado por esta parcela da população brasileira ao longo da história deste país." (RIBEIRO, 2006a: 61)

O discurso e a prática do movimento é desenvolvido de forma que acaba por transformá-lo, em especial o *rap*, em um (re)construtor de identidades ao realizar em espaços públicos urbanos, formais ou não, a discussão sistemática da participação da população negra no processo histórico da formação do Brasil enquanto país contrapondo-se assim ao padrão de exclusão racial e social em que se encontram inseridos(9), e que têm por consequência, mesmo que de maneira indireta, problematizar o processo de ocupação/vivência urbana deste grupo étnico/racial- social nas cidades brasileiras(10) em geral (GOMES, 2006; MUNANGA, 2006; RIBEIRO, 2006a; RIBEIRO, 2006b; SILVA, 2006).

Como bem enfatizam os versos da música "Bem Vindos ao Inferno" (1994) do grupo "Sistema Negro" - que acreditamos refletir a realidade vividas por estes

jovens em várias *pólis* brasileiras - ao referir-se ao processo de ocupação urbano-racial da cidade de Campinas- SP:

> Pode pensar que o que eu falo é forte demais, mas é a vida como ela é, e nada mais.
> Observe, vire e chegue a uma conclusão: porque bairro de pobre é miséria e baixaria?
> Então, nunca fomos lembrados por nenhum filha da puta eleito!
> Não sei porque acharam algum defeito, aqui só mora preto!
> Não merecemos respeito, nem sequer temos ajuda e nem tão pouco direito!
> Mas observe a vila de brancos requintados, têm policiais nas ruas dando bom dia aos vigias.
> Mas em Campinas você pode crer, têm policiais nas ruas enquadrando você.
> Estamos esquecidos nesse lugar sujo, desgraçado!
> Não tem jeito, o meu destino é morrer nesse buraco!
> (SISTEMA NEGRO, 1994)

Considerações Finais: A ação transformadora da realidade urbana brasileira pelo movimento *hip hop*.

Todo um processo de recuperação de símbolos positivos de negritude passa a ocorrer, ocasionando uma auto-estima dos jovens afros-descendentes, reestruturando e modificando os elementos, e estigmas, das culturas negras (HALL, 2003a; HALL, 2003b; MAGRO, 2002; SANTOS [et al], 2005; TELLA, 1999; WELLER, 2000).

O *hip hop* passa, portanto, a enfatizar a partir dos anos 1990 uma defesa mais específica da jovem população afro-descendente brasileira, sem deixar de ser uma cultura da periferia para a periferia, sem distinção entre aquele(a)s que a formam e a caracterizam.

Essa postura do movimento *hip hop* nacional, de maior destaque a seu segmento afro-descendente juvenil, pode ser representado na música “Capítulo 4 Versículo 3”, do álbum “Sobrevivendo no Inferno” (1998) quando os Racionais MC’s cantam sua:

> Minha intenção é ruim, esvazia o lugar!
> Eu to em cima, eu to a fim, um dois para atirar!
> Eu sou bem pior do que você ta vendo
> O preto aqui não tem dó, é cem por cento veneno!
> A primeira faz “bum!”, a segunda faz “ta!”
> Eu tenho uma missão e não vou parar!
> Meu estilo é pesado e faz tremer o chão!
> Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição!
> Pra detonar minha ascensão, minha atitude vai além!
> E tem disposição pro mal e pro bem!
> Talvez eu seja um sádico ou um anjo
> Um mágico ou juiz, ou réu
> Um bandido do céu!
> Malandro ou otário, padre sanguinário!
> Franco atirador se for necessário!
> Revolucionário ou insano. Ou marginal!
> Antigo e moderno, imortal!
> Fronteira do céu com o inferno!
> Astral imprevisível, como um ataque cardíaco do verso!
> Violentamente pacífico!
> Verídico!
> Vim pra sabotar seu raciocínio!
> Vim pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo!
> (RACIONAIS MC's, 1998)

Com o processo de auto-estima da jovem população afro-descendente bem delineado num patamar simbólico, o *hip hop* passa a buscar, e a constituir, na prática as melhorias físicas (urbanas) para seu universo social como um todo, atendendo todos que habitam estes espaços periféricos, independente de sua raça/etnia, credo, sexo ou religião.

O *hip hop* passa a cobrar dos municípios melhorias concretas para suas comunidades, passam a fazer parte dos processos de discussão de gestão urbana de algumas cidades (Campinas, Diadema, Porto Alegre, São Paulo).

Dessa forma passando à agir como parceiros dos municípios em processos de requalificação urbana; de atividades culturais através das Casas do *Hip Hop (11);* de constituir orgões de caráter consultivo e de inter-locução do movimento para com os poderes executivos e legislativos municipais através dos Conselhos Municipais de *Hip Hop* (12); além de passar à apoiar candidatos em eleições para cargos no legislativo e executivo, comprometidos com os ideais do movimento (CÉSAR, 1998; RIBEIRO, 2006a, VÉRAS, 2004).

> Mas, as transformações que afetam e modificam de maneira efetiva (concreta) a vida destes jovens afro-descendentes e do micro cosmos social em que estão inseridos, são produzidas pela parte do movimento que desenvolve uma atuação política mais institucionalizada, destacando a existência de um outro modo de se sentir, de se viver a cidade, para o desenvolvimento de uma atuação mais pró-positiva nos processos de elaboração e aplicação nos processos de gestão das políticas públicas locais. (RIBEIRO, 2006a: 134)

Com esta nova prática de atuação política, o movimento *hip hop* objetiva em construir uma sociedade mais justa e igualitária contrapondo-se dessa maneira - além de continuar a enfrentar questões que lhe são básicas como o combate ao racismo e a violência policial - ao modelo de gestão urbana excludente de nossas *Pólis*, para que haja uma revalorização do espaço social e assim seja constituído um novo conceito de cidade, de todos para todos, verdadeiramente democrática e inclusiva (LEFEBVRE, 1991; FARIA, 2003; RIBEIRO, 2006a).

> Ocasionando com isso, uma formalidade política para uma parcela de um segmento populacional (juventude afro-descendente) historicamente ignorados como sujeitos sociais plenamente constituídos de direitos nos processos decisórios de gestões das cidades brasileiras. (RIBEIRO, 2006a: 136).

NOTAS

(*) Comunicação apresentada ao Grupo de Trabalho “Participação e Movimentos Sociais” durante realização, em 19 de Outubro de 2007, do Seminário Nacional “Paisagem e participação: práticas no espaço livre público” realizado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo (USP); agradecemos as críticas/considerações/sugestões, ante nossa comunicação, que resultaram em valiosas reflexões durante o processo de elaboração do artigo aqui exposto.

(**) Bacharel, com licenciatura plena, em Ciências Sociais graduado no ano de 1999, pelo Instituto de Ciências Humanas da PUC-Campinas; Mestre em Urbanismo - área de Gestão Urbana - no ano de 2006, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Campinas. Professor da Rede Pública de Ensino de São Paulo. *Email* para contato: khristiancarlos@hotmail.com

(1) Artigo (versão final) produzido a partir da dissertação “O Movimento Hip - Hop como Gerador de urbanidade: Um Estudo de Caso sobre Gestão Urbana em Campinas" (2006), orientada pela Professora Doutora Raquel Rolnik em co-orientação com a Professora Doutora Doraci Alves Lopes, para obtenção do título de mestre em Urbanismo pela FAU/PUC-Campinas. O uso da pesquisa documental, com a utilização de entrevistas e questionários, constituiu a metodologia da dissertação por acreditarmos que estas técnicas de pesquisa, nos possibilitariam desenvolvermos um diálogo entre as bibliografias referente a área social/política e cultural, para sanar essa lacuna por nós detectada acerca da falta de estudos que abordem a atuação de movimentos que tenham como característica uma atuação reivindicatória, tanto por uma vertente cultural, quanto social. A Dissertação esta postada, para consulta e *download*, no endereço:

http://www.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=106&PHPSESSID=6cbc66ce74bb5f7af24ebc462a72adbd

Com o anexo (fotografias) da mesma postada no endereço:

http://www.bibliotecadigital.puccampinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=107&PHPSESSID=6cbc66ce74bb5f7af24ebc462a72adbd

(2) O conceito de Pólis aqui entendido como uma exemplificação de cidade, desenvolvido pelos antigos gregos, tal qual apresentado por Raquel Rolnik em seu livro “O que é cidade”, ou seja a cidade enquanto representação política dos cidadãos, através de suas comunidades/localidades, que nela habitam e a caracterizam. A cidade entendida enquanto um processo de politização do espaço urbano para além de sua condição territorial/geográfica básica, “a polis não designava um lugar geográfico, mas uma prática política exercida pela comunidade de seus cidadãos. “(ROLNIK, 1988: 22)

(3) Fenômeno este de deslocamento territorial que obrigou com que este contingente populacional produzi-se um sistema baseado em processos de convivência e influência mútua já existente entre várias culturas da região sul equatorial africana (MUNANGA, 1995/1996), um conjunto intricado de adaptação e reconstrução de relações sociais e culturais dos povos africanos estabelecidos nas Américas. (BASTIDE, 1974; MUNANGA, 1995/1996; VIANNA, 1999)
Processo que possibilitou a resistência, e preservação, de valores sociais e culturais, que com o tempo passam a desenvolver uma nova forma de cultura afro (resultante da união de diferentes povos africanos que aqui tiveram que viver e se miscigenarem) nas Américas, o que alguns sociólogos e

antropólogos passam a definir como "*Black Atlantic*", uma (nova) cultura negra desenvolvida a partir do continente americano, um amálgama dos vários povos africanos que aqui vieram como escravos, de caráter universal (GILROY, 2001; MATORY, 1999; MENDONÇA, 1993; VIANNA, 1999). Essa forma de resistência, social e cultural, passa a reciclar os diferentes valores africanos de forma coletiva, os adaptando a sua nova realidade mundo, produzindo através desta "nova" práxis cultural, respostas que remetem as problemáticas por eles enfrentadas ao meio em que foram inseridos, sem perder contato com sua origens, com suas essências originais (LOPES, 1988).

Como destaca Roger Bastide em seu livro "As Américas Negras" (1973):

> ...uma mentalidade que permaneceu , se não em todos os pontos, pelo menos em um bom número deles, como a procura apaixonada das associações fraternas ou dos atos de comunhão coletiva, uma mentalidade moldada pelas velhas culturas africanas. (BASTIDE, 1973: 194)

Processo este caracterizado por João José Reis enquanto uma "crioulização cultural" em que:

> Os escravos não se submeteram aos valores e maneiras dos senhores, forjando novos comportamentos e instituições a partir de tradições africanas. Se a influência da cultura local foi inevitável, a "crioulização cultural" se deu em grande parte através de recriações étnicas e sincretismo interétnicos no interior da própria comunidade africana. (REIS, 1995/1996: 22)

(4) Evers (1984) define alguma das características, alguns dos traços comuns da maioria dos denominado "novos" movimentos sociais como formados por:

> ... um número relativamente baixo de participantes; estruturas não burocratas e até informais; formas coletivas de tomada de decisões; distanciamento social relativamente pequeno entre a liderança e demais participantes; modos pouco teóricos e imediatos de perceber e colocar os objetivos do movimento; etc. Muitos destes grupos estão diretamente envolvidos em atividades culturais (no sentido mais amplo); outros lançam mão da música, teatro, dança, poesia e outras manifestações culturais para divulgar seus objetivos. (EVERS, 1984: 14).

Novos movimentos sociais que através de suas práticas acabam por se:

> ... dar num novo tempo e num novo espaço, o tempo e o espaço da vida cotidiana, vistos não mais como o lugar da rotina e do hábito, mas como a dimensão real e concreta onde efetivamente os sujeitos são sujeitados e onde se dá a experiência concreta da dominação e da opressão. ' Aquele que fala da revolução sem mudar a vida cotidiana tem na boca um cadáver' já dizia um grafite de 68. Assim, os novos movimentos sociais vão trazer um novo tipo de sujeitos e agentes, novos tipos de conflitos, novos tipos de espaços políticos em que estes se desenvolveram. (BRUNI, 1988: 27)

Ou como bem exemplifica Paoli (1991) ao diferenciar estes novos sujeitos políticos contemporâneos de seus "antecessores":

> ... o(s) sujeito(s) que a cultura contemporânea encena é outro: é um que reivindica o sentido de suas experiências tal como as vivencia em práticas específicas de atribuição de significado; está disposto a assumir o seu próprio descentramento, o localismo do espaço onde atua, o caráter imediato de sua ação; em uma palavra, como já foi apontado, sujeitos auto-referenciados e auto-instituintes de seu mundo, de suas diferenças e similitudes, de suas identidades e alteridades. (PAOLI, 1991: 110)

(5) Além de demarcar um novo período de interligação, troca de experiências, dos movimentos negros nacionais ante seus pares internacionais norte-americanos, caribenhos e africanos. Para uma leitura mais pormenorizada desta especificidade indicamos as seguintes bibliografias, "Movimentos negros e 'políticas de identidade' no Brasil" (2000) de autoria por CUNHA, Olívia Maria Gomes da; Organizações negras em São Paulo" (1983) de autoria por MOURA, Clóvis; "O 'Atlântico negro' e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil." (2007) de autoria por PEREIRA, Amilcar Araújo; "Black Soul: Aglutinação espontânea ou identidade étnica – Uma contribuição ao estudo das manifestações culturais no meio negro." (1983) de autoria por SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da.

(6) Sendo o cotidiano entendido neste contexto enquanto resultado de uma realidade (perspectiva) histórica conflitante, em constante transformação, ou como define José Machado Pais em seu livro "Vida cotidiana: enigmas e revelações". (2001):

O presente é um produto histórico, ainda que escondido ou camuflado. A historicidade do quotidiano emerge remontando atrás para mostrar a sua formação. De facto, a vida quotidiana aparece-nos como um espelho em que normalmente nos vemos sempre legitimados. Precisamente porque assim é, quanto mais distante e exótico for esse espelho, tanto mais demonstrada ficará a universalidade das nossas próprias categorias. Isto não quer, evidentemente, dizer – pelo contrário – que o quotidiano presente não tenha uma dimensão histórica. *Tempo* e *espaço* organizam-se também em torno do presente. Embora a existência seja sempre um projecto que ultrapassa o horizonte do presente, a sua dimensão temporal tem de ser vivida no dia a dia. (PAIS, 2001: 83)

Outras obras que acreditamos ser de interesse para quem pretende analisar o cotidiano, enquanto instrumento de percepção, interpretação, e possível transformação social são o estudo de autoria de Michel Maffesoli intitulado 'A conquista do presente". (1984); e o estudo de autoria de Agnes Heller, intitulado "O Cotidiano e a História". (1972).

(7) Locais estes não formais, como calçadas, parques, praças, esquinas, garagens, terminais de ônibus/metrô. Ou seja espaços urbanos de convivência não institucionalizados, vivenciados pelos jovens das periferias em suas ações cotidianas. O que, por esse motivo, não é fato incomum que membros do movimento *hip hop* o auto classifiquem enquanto um movimento de rua, das ruas, para as ruas.

(8) Período em final dos anos de 1980 em que os movimento sociais se viram em crise, em meio a mudança de paradigmas ocorridas pelo esfacelamento do referencial soviético de "socialismo real", a crise do Estado brasileiro e a implementação do modelo neoliberal na sociedade brasileira, estes movimentos sociais tiveram que manter seu processo de intervenção na arena política ao mesmo tempo em que buscavam construir novos parâmetros para essa atuação reivindicatória. Para uma análise mais pormenorizada desta época indicamos a leitura das seguintes bibliografias, "O presente como cotidiano." (1988) de autoria por BRUNI, José Carlos; "HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS E LUTAS SOCIAIS. A construção da Cidadania dos Brasileiros." (1995) de autoria GHON, por Maria da Glória, "Conflitos sociais e ordem institucional: cidadania e espaço público no Brasil do século XX." (1989) de autoria por PAOLI, Maria Célia; "Crise de identidades sociais no fim de século." (1997) de autoria por SADER, Emir..

(9) Não é por abordarmos a cidade como um local de disputa, segregação, ou de discriminação, que a interpretamos enquanto um local de degeneração, de negatividade extremada, de decadência humana já que , como destaca o sociólogo Michel Maffesoli, essa postura revela um discernimento baseado em (pré)conceitos outros, com *"uma forte conotação moral"*. (MAFFESSOLI, 1884: 60). Nesse sentido situamos nossa interpretação sociológica de cidade tendo esta enquanto uma forma, uma representação espacial/territorial da socialidade humana, constituída pelas mais diferentes manifestações culturais, sociais e históricas que caracterizam o processo cotidiano de uma *pólis*.

(10) As populações negras foram expulsas das áreas centrais de várias cidades brasileiras em seus processos de reformulação urbana, em especial ao final do século XIX até segunda metade do século XX, passando a ocupar as regiões periféricas e sem infra-estrutura destas cidades. A presença dessas populações não ficou restrita, confinada, a determinada área territorial das pólis, pois a circulação destas era mais que necessária já que representavam a mão de obra fundamental para o desenvolvimento econômico daquelas localidades, mas eram inseridas nesse processo enquanto figuras informais, relegadas á uma interação não formal , não reconhecida a vida cotidiana da cidade, ocupando o papel de sub-cidadãos sem direitos sociais e políticos plenos, cidadãos de segunda categoria da sociedade brasileira.

(11) As denominadas Casas do Hip Hop são pólos de cultura em que são desenvolvidas políticas culturais (Oficinas de grafite; dança de rua; rap e discotecagem) e sociais (Palestras sobre negritude; cidadania; juventude) visando atender as demandas de sua população juvenil de maneira geral, e, especificamente, como ponto de (re)construção, e afirmação, de identidades afrodescendentes juvenis nas cidades. De maneira geral são órgãos públicos ligadas as pastas de cultura locais, que desde os anos 2000 começam a constituir-se em realidade em nossas cidades, sendo a Casa de Hip Hop de Diadema (Centro Cultural Canhema) – fundada em 2004 – a pioneira

(www.zulunationbrasil.com.br/zulu/casadohiphop.html), outras Casas de Hip Hop que podemos
destacar, pelo seu pioneirismo e importância, seriam a de Campinas - fundada em 2002 – (www.grupos.com.br/blog/casadohiphopdecampinas;www.grupos.com.br/group/casadohiphopdecampinas), sobre as quais indicamos a leitura do artigo "Tornar-se militante: os jovens do movimento
hip hop de Campinas" (2007), de autoria por MORENO, Rosangela Carrillo & ALMEIDA, Ana Maria Fonseca de, e da dissertação "O movimento Hip-Hop como gerador de urbanidade: um estudo de caso sobre gestão urbana em Campinas'. (2006), de autoria por RIBEIRO, Christian Carlos Rodrigues; a de Piracicaba – fundada em 2003a - (www.juventude.piracicaba.sp.gov.br/5_ano_casa_hip_hop.htm); a de Londrina (PR) – fundada em 2006
(casa-hip-hop-londrina.br.telelistas.net/vct/shows-producao/londrina/109911464.htm; http://www.planetalondrina.com.br/cont/contFull.asp?categoria=81&nrseq=13241); e a de Porto Alegre, constituída por próprios integrantes do movimento sem auxílio do poder público, a Casa de Hip Hop Ksulo – fundada em 2008 - (http://www.iteia.org.br/hiphopksulo/comp)

(12) Em Campinas-SP constituído por decreto em 16 de Julho de 2004 para atender as premissas de orgão de discussão e fomentação de políticas públicas; fiscalização dos atos do poder público; elaboração de seu regimento interno; além de organizar as denominadas conferências municipais de *hip hop.* Desde o seu inicio o conselho não esta conseguindo realizar a contento suas objetivas pois é vítima tanto da disputa interna do próprio movimento social, quanto vítima das instituições formais de exercício político (Executivo e Legislativo) que não realizam na prática os processos de democratização de gestão da denominada "coisa pública", impedindo desse modo a participação popular nos processos decisórios de sua cidade, evidenciando o quanto a constituição de uma cidade inclusiva e participativa ainda é realidade distante ao cotidiano da sociedade brasileira.

BIBLIOGRAFIA

A virada do rap. São Paulo. **Folha de São Paulo**, p. 7, 22 de janeiro de 2001. Folhateen.

ANDRADE, Elaine Nunes de. **Rap e Educação. Rap é Educação.** 1. edição. São Paulo: Selo Negro Edições, 1999. Capitulo 6: Hip Hop: movimento negro juvenil. p. 83-91.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. **O Lugar da Arquitetura depois dos Modernos.** 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

BASTIDE, Roger. **As Américas Negras.** Tradução por Eduardo de Oliveira e Oliveira. 5. edição. São Paulo: DIFEL-Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

BOJUNGA, Cláudio. O brasileiro negro 90 anos depois. **Encontros com a civilização brasileira**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 175-204, jul. De 1978.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Raízes do Brasil. **Educação. Edição Especial – CEU**, São Paulo, ano 8, p. 3-5, junho de 2004. Entrevista.

BRUNI, José Carlos. Há uma crise nas Ciências Sociais? In: NETO, José Castilho Marques; LAHUERTA, Milton (orgs.) **O pensamento em crise e as artimanhas do poder.** São Paulo: Editora UNESP, 1988. p. 23-24.

CASA DO HIP HOP DE CAMPINAS - SP. In: www.grupos.com.br/blog/casadohiphopdecampinas, acessado em 29/12/08

CASA DO HIP HOP DE CAMPINAS - SP. In: www.grupos.com.br/group/casadohiphopdecampinas, acessado em 29/12/08

CASA DO HIP HOP DE DIADEMA – SP (Centro Cultural Canhema). In: http://www.zulunationbrasil.com.br/zulu/casadohiphop.html, acessado em 29/12/08.

CASA DO HIP HOP DE LONDRINA - PR. In: casa-hip-hoplondrina.br.telelistas.net/vct/showsproducao/londrina/109911464.htm, acessado em 30/12/08.

CASA DO HIP HOP DE PIRACICABA - SP. In: www.juventude.piracicaba.sp.gov.br/5_ano_casa_hip_hop.htm 30/12/08

CASA DO HIP HOP DE PORTO ALEGRE – RS. In: http://www.iteia.org.br/hiphopksulo/comp, acessado em 31/12/08

CÉSAR, João Batista. CONEXÃO RAP. A rebeldia dos rappers da periferia de Campinas chega à política e quase provoca crise no PT. **Correio Popular**, Campinas, 06 de setembro de 1998. Eleições 98.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. DEPOIS DA FESTA. Movimentos negros e "políticas de identidade" no Brasil. In: ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina &

ARTURO, Escobar. **Cultura e política nos movimentos latino-americanos: novas leituras.** Belo Horizonte: Editora UFMG. 2000. Capítulo 09: p. 333-380.

EVERS, Tilman. Identidade a face oculta dos novos movimentos sociais. **Novos Estudos. CEBRAP**, São Paulo, vol. 2, n. 4, Abril de 1984, p. 11-23.

FARIA, Hamilton. **Agenda Cultural para o Brasil do presente.** São Paulo: Instituto Polis, 2003. (Cadernos Polis, n. 6)

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência.** Tradução por Cid Knipel Moreira. 1. edição. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes/Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. 432p.

GHON, Maria da Glória. **HISTÓRIA DOS MOVIMENTOS E LUTAS SOCIAIS. A Construção da Cidadania dos Brasileiros.** São Paulo: Edições Loyola, 1995. 212p.

GOMES, Flávio dos Santos. Sonhando com a terra, construindo cidadania. In: PINSKI, Jaime; PINSKI, Carla Bassanezi (orgs.). **História da cidadania.** 4. edição. São Paulo: Contexto, 2006. Quarta parte (CIDADANIA NO BRASIL), cap. 17, p. 447- 468.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Tradução por Adelaine La Guardia Resende ... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. Parte 4: Capítulo: CODIFICAÇÃO/DECODIFICAÇÃO. p. 386- 404.

HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural.** Tradução por Andréa B. M. Jacinto; Simone M. Frangella. 3 edição revista e ampliada. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2003. (Textos didáticos, n. 18)

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** Tradução por Carlos Nelson Coutinho; Leandro Konder. Rio de Janeiro: EDITORA PAZ E TERRA S.A., 1972. (Série: INTERPRETAÇÕES DA HISTÓRIA DO HOMEM, vol. 02) 121p.

HERSCHAMANN, Micael. **Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Capítulo 03: Na trilha do Brasil contemporâneo. p. 52- 87.

KOWARICK, Lúcio. **Escritos urbanos.** São Paulo: Editora 34, 2000. 144p.

KEHL, Maria Rita. **Função Fraterna.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. Parte 02, Capitulo : 04: A fratria orfã. p. 209- 244.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade.** Tradução por Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes Ltda, 1991.

LEMOS, Pedro Rocha. Além do voto... Como participar. J**ornal Ordem do Dia.** Publicação da Câmara Municipal de Campinas. Campinas, ano 01, n. 10, p.2, novembro/dezembro de 2004.

LINDOLFO FILHO, João. O hip hop e a radiografia das metrópoles na ótica dos excluídos. In: PORTO, Maria do Rosário S. [et al], (orgs). **Negro, educação e**

multiculturalismo. 1. edição. São Paulo: Editora Panorama, 2002. Segunda parte, cap. 05, p. 125-135.

LOPES, Doraci Alves. **Marginais da história? O movimento dos favelados da Assembléia do Povo.** Campinas: Editora Alínea, 1997. 198p.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra.** 1. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. 204p.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente.** Tradução por Marcia C. De Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: ROCCO, 1984. 167p.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. Adolescentes como autores de si próprios: Cotidiano. Educação e o Hip Hop. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 22, n. 47, agosto de 2002, p. 63-75.

MATORY, J. Lorand. Jeje: repensando nações e transnacionalismo. **Mana.** Vol 5, n. 1, Rio de Janeiro, Abril de 1999. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-9313&ing=En&nrm=iso acesso em 05/06/06.

MEDEIROS, Jotabê. A vibração dos tagarelas do rap. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 28 de junho de 1988.

MENDONÇA, Luciana Ferreira Moura. "As mulheres negras do Oriashé: Música e negritude no contexto urbano." **Cadernos de Campo**, n. 3, ano III, 1993, p. 47-62.

MORENO, Rosangela Carrilo; ALMEIDA; Ana Maria Fonseca de. **"Tornar-se militante: os jovens do movimento hip hop de Campinas."** 2007. Comunicação apresentada ao Grupo de Trabalho 26 (Sociologia da Infância e Juventude) do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, ocorrido entre 29 de maio/01 de junho de 2007 na Universidade Federal de Pernambuco na cidade de Recife.

MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro.** São Paulo: Editora Anita, 1994.

MOURA, Clóvis. A**s injustiças de Clio. O negro na historiografia brasileira.** Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990. (Coleção Nossa Terra)

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro.** São Paulo: Editora Ática S. A., 1988. (Série Fundamentos, n. 34)

MOURA, Clóvis. **BRASIL: as Raízes do Protesto Negro.** São Paulo: Global Ed, 1983. Capítulo: Organizações negras em São Paulo. p. 47-75.

MOURAD, Laila Nazem. Democratização do Acesso à Terra Urbana em Diadema. Campinas, 2000. 137p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

MUNANGA, Kabengele. Prefácio. In: SILVA, Maria Nilza da. **Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo.** 2. edição. Brasília/DF: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. XI- XII.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, dezembro/fevereiro, 1995/1996, p. 56-63. (Dossiê: Povo Negro)

NASCIMENTO, Abdias do. **Sitiados em Lagos. Autodefesa de um negro acossado pelo racismo.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e relevações.** São Paulo: Cortez, 2003. 271p.

PAOLI, Maria Célia. "As ciências sociais, os movimentos sociais e a questão de gênero." **Novos Estudos CEBRAP**, n. 31, outubro de 1991, p. 107-120.

PAOLI, Maria Célia. Conflitos sociais e ordem institucional: cidadania e espaço público no Brasil do século XX. In: **Revista da Ordem dos Advogados do Brasil.** São Paulo, n. 53, p. 80 – 92, primavera de 1989.

PEREIRA, Amilcar Araujo. O "Atlântico negro" e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. In: **Perseu: história, memória e política/Centro Sérgio Buarque de Holanda.** São Paulo, n. 1, vol. 1, p. 235-263, dezembro de 2007.

REIS, João José. Quilombos e revoltas escravas no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 28, dezembro/fevereiro, 1995/1996, p. 14- 39. (Dossiê: Povo Negro)

RIBEIRO, Christian Carlos Rodrigues. "O movimento Hip-Hop como gerador de urbanidade: um estudo de caso sobre gestão urbana em Campinas." Campinas, 2006a, 235p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo). Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

RIBEIRO. Christian Carlos Rodrigues. "A cidade para o movimento hip hop: Jovens afro-descendentes como sujeitos políticos." **Humanitas**, Campinas, v. 9, n. 1, janeiro/junho, 2006b, p. 57-71.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **HIP HOP a periferia grita.** 1. edição. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

ROLNIK, Raquel. **A Cidade e a Lei: Legislação, Política Urbana e Territórios na Cidade de São Paulo.** São Paulo: Studio Nobel/FAPESP. 1997.

ROLNIK, Raquel. O Brasil e o Habitat II. **Teoria e Debate. Revista Trimestral do Partido dos Trabalhadores.** São Paulo, n. 32, ano 9, p. 21 – 26, julho/agosto/setembro, 1996.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras (Etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro). **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 17, 1989, p. 29-41.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo: Editora Brasiliense. 1988. 86p.

SANTOS, Geovanilda [et al]. A juventude negra. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira. Análises de uma pesquisa nacional.** 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005. Cap. 12, p. 291- 302.

SADER, Emir. Crise de identidades sociais no fim de século. **Caderno CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 425-429, janeiro/dezembro de 1997.

SADER, Éder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980.** 3. reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A. 1995.

SILVA, Maria Nilza da. **Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo.** 2. edição. Brasília/DF: Fundação Cultural Palmares, 2006. 232p.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. “Black Soul”: Aglutinação espontânea ou identidade étnica – Uma contribuição ao estudo das manifestações culturais no meio negro. In: SILVA, Luiz Antonio Machado da. **Movimentos Sociais Urbanos, minorias étnicas e outros estudos.** Brasília: ANPOCS, 1983. p. 245-262

TELLA, Marco Aurélio Paz. Rap, memória e identidade. In: ANDRADE, Elaine Nunes de. **Rap e Educação, Rap é Educação.** 1. ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 1999. p. 55-63

TORO, Antonio Gracia Del. La jerga teatral puertorriquenã. **HOMINES. Revista de Ciencias Sociales**, Puerto Rico, vol. 15/ vol. 16, n. 2/ n. 1, ouctubre/diciembre, 1991/1992. p. 298-308.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Por uma sociologia da alteridade: estranhos e estrangeiros em São Paulo. In: BERNARDO, Teresinha; TÓTORA, Silva (orgs.). **Ciências sociais na atualidade: percursos e desafios.** São Paulo: Cortez, 2004. p. 153- 172.

VIANNA,Hermano. O Atlântico Negro. (1999)
Disponível em: www1.uol.com.br/fol/brasil500/dc_7_3.htm, acesso em 05/06/06.

WELLER, Wivian. A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ATRAVÉS DO HIP HOP: uma análise comparativa entre rappers negros em São Paulo e rappers turcos-alemães em Berlim. **Caderno CRH**, Salvador, n. 32, p. 213-232, janeiro/junho de 2000.

ZENI, Bruno. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva**.** Estudos Avançados. Vol. 18, n. 50, São Paulo, 2004. (versão impressa) Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-40142004000100020&lng=pt&nrm=iso, acesso em 05/06/06.

DOCUMENTO

Lei Número 12. 031 (Conselho Municipal do hip hop), de 16 de Julho de 2004. Publicado no Diário Oficial do Município de Campinas em 17 de Julho de 2004.

DISCOGRAFIA

KASKATAS. **"KASKATAS. A ousadia do rap made in Brazil"**, 1988/1989.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no Inferno.** Brasil: Sony, 1998.

SISTEMA NEGRO. **Bem Vindos ao Inferno.** São Paulo: Zimbabwe, 1994.

THAÍDE & DJ HUM. HIP – HOP. **Cultura de rua.** Gravadora Eldorado, 1988/1989. (Coletânea).